

## ENTRE TELAS & TEXTOS: *ELEMENTAR* ENQUANTO TRANSPOSIÇÃO LITERÁRIA

BETWEEN SCREENS & TEXTS: *ELEMENTARY* AS LITERARY TRANSPOSITION

Recebido: 21/11/2021

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2705

Raquel Silva Dantas<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0078-4912>

Marcelo de Jesus de Oliveira<sup>2</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0981-2737>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar comparativamente a série de televisão *Elementar* (CBS), uma releitura contemporânea das obras de Sherlock Holmes do escritor escocês Arthur Conan Doyle, para que se perceba as diferenças narrativas entre as duas expressões da arte, buscando assim compreender como a adaptação literária acontece e quão grande as transformações podem ser na transposição, sendo elas positivas ou não, e o impacto que elas têm no público e na crítica especializada, além de entender o que é modificado por necessidade e o que é desconstruído por interesse narrativo. Para tanto, o seriado americano *Elementar*, fora analisado a partir de obras de autores como Ricardo André Ferreira Lima (2015), James Wood (2017), e outros que discutem em seus livros e artigos a relação que o cinema e a literatura desenvolveram em mais de um século. Como resultados finais, viu-se que a literatura contribuiu significativamente com as histórias levadas às telas, mesmo quando eram mudas, sendo a transposição para o audiovisual um dos mais significativos avanços de intercâmbio entre artes, possibilitando diversas recriações como acontece com *Elementar*, ao adaptar a literatura de Sherlock Holmes como uma história policial do século XXI.

**Palavras-chave:** Adaptação. Série. Narrativa. Literatura.

**Abstract:** This paper aims to analyze comparatively the television series *Elementary* (CBS), a contemporary retelling of the works of Sherlock Holmes by the Scottish writer Arthur Conan Doyle, in order to realize the narrative differences between the two expressions of art, thus seeking to understand how the literary adaptation happens and how great the transformations can be in the transposition, whether they are positive or not, and the impact they have on the public and specialized criticism, as well as to understand what is modified by necessity and what is deconstructed by narrative interest. To this end, the American series *Elementary* was analyzed based on the works of authors such as Ricardo André Ferreira Lima (2015), James Wood (2017), and others who discuss in their books and articles the relationship that cinema and literature have developed in more than a century. As final results, it was seen that literature contributed significantly to the stories taken to the screen, even when they were silent, being the transposition to the audiovisual one of the most significant advances in the exchange between arts, making possible several recreations as it happens with *Elementary*, by adapting the literature of Sherlock Holmes as a 21st century detective story.

**Keywords:** Adaptation. Series. Narrative. Literature.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Pós-graduanda em Docência no Ensino Superior e Metodologias de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela UNIASSELVI. E-mail: [professora.raqueldantas@gmail.com](mailto:professora.raqueldantas@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (UESC) e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. E-mail: [pfmarcelopt@gmail.com](mailto:pfmarcelopt@gmail.com)

## Introdução

Ao longo da história a literatura se adaptou em várias artes e adotou várias formas: como fez com o teatro, folhetim e rádio. Após o surgimento do cinema, em 1895, iniciou-se mais um processo de transposição, agora audiovisual, até chegar à televisão. O cinema adotou narrativas literárias para conquistar o público, com histórias já populares entre eles, mas também para saciar a falta do que dizer, pois, em seu início, o cinema enfrentou muitas dificuldades ao contar suas histórias.

A relação entre tela e texto começou ainda no século XIX, e um dos personagens que mais esteve em alta desde o início foi Sherlock Holmes, criado pelo escritor Sir Arthur Conan Doyle, maior nome da literatura policial, que estava em uma febre literária entre o fim do século XIX e início do século XX. Holmes foi adaptado pela primeira vez com o filme *Sherlock Holmes Baffled* (1900), um curta norte-americano dirigido por Arthur Marvin, que foi o primeiro filme de mistério conhecido

Sherlock já era sucesso literário e suas adaptações para cinema e TV se tornaram a mais feita de um personagem humano, tendo mais de duzentas versões somente nas telonas. Para não se tornar repetitivo e ter atenção do público, muito se foi recriado no próprio personagem, como também em suas histórias, na tentativa de surpreender o público, o convencendo a consumir e a desejar mais obras inéditas sobre ele.

*Elementar* é um exemplo de seriado adaptado de Holmes que traz recriações dos contos e romances sobre o detetive, sendo uma releitura norte-americana que traz o Sherlock do século XIX para o século XXI, mergulhado no caos do segundo milênio e novas identificações para um público que se mantém fiel ao personagem por mais de um século.

Nessa perspectiva, o trabalho o qual intitulamos *Entre telas & textos: Elementar enquanto transposição literária* propõe uma discussão enviesada pela literatura e o cinema, ao reconhecer como principal objetivo analisar comparativamente a série de televisão *Elementar* (CBS), uma releitura contemporânea das obras de Sherlock Holmes do escritor escocês Arthur Conan Doyle, para que se perceba as diferenças narrativas entre as duas expressões da arte (literatura e cinema), buscando, assim, compreender como a adaptação literária acontece e quão grande as transformações podem ser na transposição.

## O universo de intercâmbio entre literatura e cinema

A literatura tem sido aliada do cinema desde o seu surgimento, compartilhando seus gêneros no que condiz a roteiros, fazendo com que muitas vezes se possa olhar para cada uma delas de forma individual e imaginar a versão na outra arte, sabendo que é vasto o intercâmbio estético entre as duas. Mas, afinal, o que difere e o que se assemelha quando cinema e literatura se unem?

James Wood, em *Como funciona a ficção* (2017), discorre sobre a diferença da literatura e da vida, onde aqui, podemos utilizar a descrição do autor sobre o que é vida e utilizar como o que é o cinema comparado à literatura, haja vista que enquanto telespectador, o ser humano tem a mesma percepção que no seu cotidiano, e enquanto leitor, percebe detalhes que dificilmente perceberia se não lhes fosse dito:

A literatura é diferente da vida porque a vida é cheia de detalhes, mas de maneira amorfa, e raramente ela nos conduz a eles, enquanto a leitura nos ensina a notar – a notar como minha mãe, por exemplo, costuma enxugar a boca antes de me beijar; o som de britadeira que faz um táxi londrino quando o motor a diesel está em ponto morto; os riscos esbranquiçados numa jaqueta velha de couro que parecem estrias de gordura num pedaço de carne [...] (WOOD, 2017, p. 70).

Em um seriado, novela ou filme, para que se dê atenção aos detalhes minimamente, é preciso que haja o trabalho da câmera com foco no que se quer mostrar, se forem riscos esbranquiçados na jaqueta, como exemplificou Wood (2017, p. 70), o espectador perceberá se houver foco, mas dificilmente remeteria a detalhes literários, como vê-los parecer com estria de gordura em um pedaço de carne, porque essa função que é descritiva, não se encaixa no cinema se não houver menção a isso; assim como na vida, se não houver uma indicação, os detalhes se perdem.

No cinema e na TV a obra é composta por vários detalhes, desde trilha sonora, diálogos e sequências, enquanto a literatura se restringe a narração, descrição, uma ou outra imagem e diálogos. Sendo compostas desse modo, percebe-se que o cinema e a TV acontecem numa realidade exterior ao espectador por ela entregar a ele todos os elementos, sem que seja preciso imaginá-los de forma individual, pois se encontra pronta para consumo e de forma coletiva. Na literatura essa realidade é interna ao leitor por ele ter que usar sua imaginação ao associar os elementos, tendo uma experiência particular e única, já que a sua percepção de uma obra não pode ser compartilhada da mesma forma.

Mesmo com a literatura e o cinema apresentando as mesmas histórias, suas percepções são opostas, fazendo com que a arte visual se esforce mais para alcançar o que o espectador espera, sendo o trabalho cinematográfico uma percepção compartilhada das pessoas que trabalharam em sua produção. A respeito da interpretação das cenas em filmes, seriados ou novelas, a câmera (o olho que tudo vê) sugere para quem assiste a interpretação que se deve ter (aquela que querem que seja percebida):

Em cinema, é possível sugerir, todavia esta sugestão é feita de forma objetiva, através da imagem, pronta e irretocável, que é o que é, não aquilo que dela pode-se imaginar – embora a questão da interpretação continue quase tão subjetiva quanto a literatura sob determinados aspectos (MARTINS, 2015, p. 159, grifo no original).

Por fim, após compreender os aspectos que diferem cinema e literatura, quais são as percepções que o público tem diante de cada arte e a forma como o cinema busca sugerir uma interpretação, deve-se destacar a principal relação entre as duas e que permite o intercâmbio entre elas: o roteiro.

O cinema e a TV utilizam obras literárias para atrair o público e agradá-lo, além de trazer narrativas que funcionam como um bom roteiro nas telas. Apesar da literatura ser utilizada dessa forma, o texto não é levado do mesmo modo para ser gravado, porque os signos dessas artes não são comuns um com o outro, tendo que haver recortes para suprimir os recursos da literatura que não funcionam no signo audiovisual, sendo às vezes retirado trechos inteiros, fazendo-se necessário a recriação para chegar às telas.

Percebe-se com isso, que apesar das trocas e semelhanças que há entre o mundo cinematográfico e o literário, eles partilham apenas da função de contar histórias com o processo de entendimento de cada uma e a forma como contam, sendo totalmente opostas, pois mesmo que quisessem, não poderiam valer-se da forma bruta da outra arte. Sobre a singularidade de cada uma, Martins (2015, p. 174) diz que “sem palavras, o cinema é possível<sup>3</sup>. Apenas com imagens não há literatura. Cinema e literatura partilham de semelhanças, mas não em nível de código”.

---

<sup>3</sup> *Tempos Modernos* (1936) é um filme mudo estadunidense dos gêneros comédia, drama e romance, escrito e dirigido por Charlie Chaplin. Um exemplo de como a arte cinematográfica é capaz de funcionar sem o uso da palavra.

Mesmo com as suas diferenças, há uma relação entre elas que já existe há mais de um século, não sendo apenas sobre o cinema se apoderar da literatura para ter histórias populares, mas sobre a literatura também se popularizar através do cinema, além de permitir se reconstruir dentro de uma outra manifestação. O intercâmbio existente entre elas mantém-se vivo a mais de cem anos, mesmo com as polêmicas que cercam o tema e a dificuldade do público em aceitá-las, sendo necessário haver uma reflexão sobre o que faz da adaptação uma boa representação da literatura em forma audiovisual, pois não se pode desprezar uma nova versão porque ela não segue a narrativa do autor original, sendo necessário que a avaliação da obra ocorra por sua qualidade e não por semelhança em relação ao texto-fonte que inspirou a obra.

### ***Elementar* enquanto transposição Literária**

O cinema precisou se reinventar e encontrar novas formas para conquistar o público, nessa tentativa adotou a forma narrativa dos romances que eram populares e aclamados entre a população. Nesse sentido, o cinema combateu a falta do que dizer contando o que os espectadores queriam, o que ainda hoje é pertinente quando analisado que se produz para um público consumista, e que numa era de lutas por igualdade e contra preconceitos, filmes, séries, animações ou novelas com essas abordagens fazem parte do processo cultural que se vive hoje.

Em *Texto em tela* (2014), sobre literatura e cinema, a autora fala sobre o papel que o cinema conquistou:

O cinema, para além do invento, precisou construir uma finalidade, um vir-a-ser e, que esse vir-a-ser ocupou o espaço do romance, enquanto mercadoria que satisfizesse as pessoas na sua necessidade de ficção e poesia [...] substituindo o papel que a literatura um dia desempenhou (CARELLI, 2014, p. 253).

O cinema, e conseqüentemente a televisão, construíram sua finalidade, e como dito anteriormente por Martins (2015, p. 15), fazem isso para um público consumista, que está sempre em busca de um produto derivado para se satisfazer. Objetivando a satisfação e a necessidade de ficção criam e recriam, seja a partir de obras famosas ou não. *Elementar* é um exemplo de adaptação que veio dos romances e contos do século XIX e XX, que representou sua época quando lançado, mas que também trouxe uma nova representatividade quando adaptado no século XXI.

O Sherlock de Conan Doyle, enquanto cidadão londrino da Era Vitoriana, tinha uma relação com cocaína que não beirava o vício e que era utilizada até mesmo para abrir sua mente, algo que não era incomum há um século, quando drogas eram utilizadas como medicamentos, sendo até mesmo legais, mas como seria em um novo tempo adaptar o conflito de Holmes com a agora ilícita droga? O seriado americano *Elementar* se utilizou da possibilidade de contar e de representar uma luta e um problema tão comum no século XXI: a dependência química.

*Elementar* dá voz à sua adaptação explorando narrativas que Sir Arthur fez de seu tempo e que cem anos depois tornaram-se ainda mais necessárias abordar. O seriado não apenas apresenta um Holmes viciado, mas sim um detetive que enquanto personalidade, enfrenta uma dependência (tema recorrente entre as celebridades hoje), além de fazê-lo enfrentar os dilemas da recuperação que são enfrentados por quem é viciado, desde a negativa da ajuda à tentativa de manter a sobriedade. Sherlock apresenta, em seu início de luta contra dependência, a sua oposição ao programa, mas ao longo dos episódios e sua relação com o grupo de apoio, percebe o quanto é necessário para ele ou para alguém em situação semelhante, saindo da posição de fuga para ser uma das vozes da luta contra o vício.

Nos contos de Conan Doyle, Holmes é contratado para convencer Violet de Merville a não se casar com o barão Adelbert Gruner, um assassino que fez a moça apaixonar-se por ele a ponto de perdoar os seus crimes e vê-lo como inocente. Gruner foi acusado por Sherlock de matar sua antiga esposa, e por Kitty Winter, sua ex-namorada, de outros assassinatos e maus tratos. Winter usa o termo “usada” para se referir ao que passou quando estava com o barão, apesar de não deixar claro o que aconteceu, demonstra ódio por seu ex, ao ponto de atrapalhar as investigações do detetive ao queimar o rosto de Gruner com ácido sulfúrico.

No seriado *Elementar*, Kitty fez o mesmo com Adelbert Gruner, pois ela sofreu estupro e tortura nas mãos dele, não sendo assassinada apenas porque fugiu. No interior da narrativa, adaptada do conto *O cliente ilustre* (DOYLE, 2017d), o seriado trouxe o tema de abuso contra mulher e feminicídio. Holmes, que tinha experiência com grupo de apoio, e Watson com pessoas em processo de recuperação, convenceram Winter a frequentar o grupo de apoio para mulheres vítimas de abuso sexual, tornando o seriado defensor e incentivador de programas de ajuda, trabalhando temas que ainda são considerados tabus.

Ao adaptar os contos de Conan Doyle, *Elementar* trabalha problemas atuais, sem perder a essência das obras originais, posicionando Holmes e Watson em um mundo caótico, não tendo eles apenas uma visão sobre o problema, mas vivenciando-os. O seriado explora temas como dependência química, abuso sexual, feminicídio, sequestro de crianças, cárcere privado e até mesmo corrupção policial.

A série da CBS não apenas adapta e recria histórias para que as narrativas se tornem atuais, como também traz representatividade feminina e negra, fazendo com que *Elementar* se torne ainda mais importante em uma época de lutas por igualdade. O criador da série, Robert Doherty, segundo matéria da TV bandeirantes no UOL, disse ao *The Hollywood Showrunner Reporter* que, inicialmente a ideia de adaptar Watson como uma mulher era apenas uma piada, mas conforme ele estudou sobre Holmes e descobriu sua aversão às mulheres, apostou na ideia de fazer com que o médico fosse adaptado de uma forma mais ousada, além de não ter sido a única grande mudança, já que o seriado também adaptou Irene e Moriarty como uma mesma pessoa, sendo "A mulher".

Com a representatividade negra, *Elementar* apostou em um personagem criado especialmente para a série e que não faz parte das narrativas de Doyle: detetive Marcus Bell. O personagem é de grande importância na narrativa, estando sempre ao lado dos detetives e ajudando nas investigações, além de se tornar capitão do Departamento de Polícia de Nova Iorque no final do seriado. O sobrenome de Marcus é o mesmo do médico Joseph Bell, amigo de Doyle que usava o método dedutivo em suas consultas e que inspiraram Sir Arthur para criar Holmes.

### **Mudanças no seriado como marca da direção**

Em *Literatura e cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação?*, Curado (2007) discute sobre as mudanças feitas nas adaptações que levam a marca dos diretores, que segundo ela, acontecem porque ao recriar, existe uma visão a ser passada, novas ideias a serem discutidas, não sendo o mesmo que o escritor original:

Ainda que pautados nas obras literárias, os diretores imprimem, na película, suas crenças, seus objetivos e sua estilística. Assim, eles buscam ou aproximar, ou traduzir, ou equivaler, ou dialogar, ou corresponder, ou adaptar o texto literário ao cinematográfico, observando as possibilidades de imbricamento de um meio com o outro, tendo em vista aquilo que desejam expressar (CURADO, 2007, p. 02).

Na série *Elementar*, as mudanças feitas pelos diretores recriam as obras de Doyle numa época que exige mudanças, trazendo novas abordagens e perspectivas diferentes, sendo elas percebidas nos personagens e nos enredos que abordam temas sociais polêmicos, fazendo a série se destacar pelo que difere e pelo que conserva.

Segundo o diretor da série americana de Holmes, Robert Doherty, em entrevista ao *Collider*, os motivos pelas quais a série fez tantas mudanças estava na tentativa de criar uma identidade própria para o seriado, distanciando-se das imagens construídas das versões já existentes de Guy Ritchie, diretor do Sherlock Holmes de Robert Downey Jr., e Mark Gatiss, diretor do Sherlock de Benedict Cumberbatch. Quando o seriado americano foi anunciado com todas as suas mudanças, houve muito estranhamento do público, até que com a sua estreia, surpreendeu aqueles que não apostavam muito na nova adaptação, principalmente porque na mesma época, Sherlock da BBC, estava em seu auge de popularidade, contando com premiações importantíssimas, o que levou a muitas comparações sobre qual deles era melhor e com o seriado britânico sempre destacando-se.

As mudanças feitas pela direção para torná-lo único funcionaram. *Elementar* é uma das poucas obras adaptadas do detetive a fazer tantas mudanças e conseguir manter a essência dos personagens literários, fazendo a série se tornar uma das melhores representações dele, mesmo com as maiores mudanças já feitas nos personagens e nas narrativas. O seriado americano muda o seu cenário de trabalho a época em que ele vive; torna o seu inimigo mortal a mesma mulher que ele ama; entrega uma parceira no lugar de um homem; o torna mais humano na medida que explora os problemas enfrentados por ele, seja os que ele consegue superar ou os que não, tudo isso sem perder a essência das obras originais.

O seriado americano foi a primeira obra televisiva do detetive a se passar nos Estados Unidos, sendo uma das grandes mudanças do programa, mas apesar de se passar na América, Holmes não pertence ao país, vindo da Inglaterra, conserva seu sotaque na língua, o que torna uma de suas marcas características. O ator que interpreta o detetive, Jonny Lee Miller, também é inglês, fazendo com que a nacionalidade de Holmes se destaque ainda mais em um meio quase que totalmente estadunidense, diferentemente de outras adaptações e até mesmo dos livros, pois como não havia mudança de continente, a língua era apenas mais um detalhe comum.



A questão das adaptações transnacionais traz consigo questões de língua e sotaque. O que acontece quando um romance situado na França como *Madame Bovary* é adaptado em Hollywood por um diretor americano como Minnelli ou em Bombaim por um indiano como Mehta? (STAM, 2006, p. 47).

Sherlock Holmes foi adaptado pela TV americana, o que não modificou o que se refere a língua para ele, nem para os personagens britânicos que fazem parte da narrativa, apenas para Watson, que ao ser recriada, também recebeu uma nova nacionalidade. Enquanto obra americana, *Elementar* não transgrediu a origem do personagem que é considerado histórico pelo povo britânico, apesar de que entre idas e vindas de Holmes para Inglaterra, ele opte pelo continente americano, especialmente por causa de Watson, que prefere seu país, e para vê-la feliz, Sherlock também decide por ele.

A direção do seriado traz mudanças marcantes, com um grande destaque para Moriarty, que também é Irene, sendo a mais surpreendente mudança, tanto na desconstrução do originalmente professor matemático, como sua participação nas narrativas de *Elementar*. A ausência da personagem na série após sua fuga da prisão, com apenas menções ao seu nome, e ao seu trabalho no mundo do crime, além de colocar intermediários entre ela e Holmes, revelam uma dificuldade do programa em ter a atriz disponível para suas narrativas, o que leva a uma mudança relevante no enredo e, conseqüentemente, na vida dos personagens.

A importância de Moriarty nas histórias de Holmes e na série é essencial, ao ponto de uma inconclusão da narrativa ser incômoda, matar a personagem sem ao menos um embate ou uma nova desavença não honraria a fama dos contos do detetive, o que levou o seriado a deixar Moriarty nas sombras e operante, sem revelar seu fim como era esperado, com Sherlock apenas dizendo que a vilã estava de volta no mundo do crime.

Problemas como o da personagem de Moriarty não são incomuns hoje em programas de televisão, tendo um peso muito maior em obras adaptadas quando não se pode concluir as narrativas na forma que merecem, gerando um estranhamento e até mesmo desapontamento no público, em histórias que deveriam ter um impacto maior e um melhor desenvolvimento. No caso de Holmes, seu maior inimigo nunca foi alcançado por ele, o que leva ao telespectador a apenas concordar com o enredo.

Um fator favorável, no caso de Moriarty e Irene nas narrativas do seriado, é que ao recriar o vilão do detetive, os produtores a colocaram como superior a Holmes, mesmo que inicialmente ele junto a Watson tenha conseguido a derrotar. Moriarty, em *Elementar*, conquista seu espaço como a maior mente criminoso já enfrentada por Holmes, mas o embate que deveria haver entre os dois foi transferido no final do seriado para Odin Reichenbach, que leva o sobrenome em referência às cataratas suíças onde Moriarty e Sherlock despencam para a morte no conto *O problema final* (DOYLE, 2017b).

Hutcheon (2006 *apud* Teixeira e Birello, 2013, p. 284) diz que “nós recontamos, mostramos e interagimos com as histórias, repetidas vezes, e que, nesse processo, algo sempre muda, mas as histórias ainda são reconhecíveis”. Esse processo de recriação na série *Elementar*, embora tão remodelado, ainda é reconhecível, com a produção deixando para o telespectador, as características de alguns personagens ou seus nomes para serem reconhecidos. A série vive a base de referências, os chamados *easter eggs*<sup>4</sup>, para que não se perca o ponto de vista de onde originalmente a obra partiu.

### **Elementar como adaptação e a fidelidade**

Modificar obras literárias para adaptar tem sido uma frequente tarefa no cinema e na TV, tanto a crítica quanto o público usam os mais variados termos para representar sua insatisfação com a relação da literatura adaptada, afinal, como criação original, ir além do primeiro criador parece ousado demais.

Sobre a visão da crítica sobre a adaptação, Stan (2006) afirma:

A linguagem convencional da crítica sobre as adaptações tem sido, com frequência, profundamente moralista, rica em termos que sugerem que o cinema, de alguma forma, fez um desserviço à literatura. Termos como “infidelidade”, “traição”, “deformação”, “violação”, “abastardamento”, “vulgarização”, e “profanação” proliferam no discurso sobre adaptações (STAM, 2006, p. 19, grifos no original).

Quando o diretor de *Elementar*, Robert Doherty, anunciou as primeiras mudanças feitas na adaptação e a desconstrução realizada nos personagens de Doyle, a recepção do público foi a mesma citada por Stam, de infidelidade e de profanação da obra canônica, sendo essa profanação uma modificação que não

---

<sup>4</sup> Nomenclatura dada a elementos e segredos escondidos em filmes, séries e outras mídias.

“respeita” a versão literária, fazendo recriações até então impensadas, podendo utilizar outro termo mencionado pelo autor com o mesmo sentido: deformação. O seriado precisou desde seu anúncio lidar com um público insatisfeito, tendo que trazer narrativas que os convencessem a assistir, sem contar que a nova adaptação do detetive lidava com outra adaptação dele mesmo e que já vinha agradando o público.

Enquanto releitura, o seriado americano deixou claro que seu objetivo não era retratar com fidelidade, assim como eram as obras de Sir Arthur, mas, a partir de uma recriação, captar elementos dos escritos de Doyle para que a literatura fosse percebida na série de TV. Lançada em um período que obras audiovisuais do personagem estavam em alta e popular, a emissora de televisão CBS apostou no seriado na tentativa de atrair o público que se mostrava fiel com as outras adaptações, pois a cultura de fã os leva a buscar derivações para que satisfaçam sua necessidade de ficção (MARTINS, 2015).

As mudanças realizadas na série não nasceram da dificuldade de adaptar os signos durante o processo de intercâmbio entre literatura e TV, mas sim da tentativa de tornar esses assuntos contemporâneos e atraentes em um período que derivações dele já preenchiam um espaço significativo na televisão e no cinema. O seriado *Elementar* teve a missão de manter a qualidade original das histórias do detetive em um programa de TV, e superar os julgamentos do público no contexto de fidelidade, mostrando que a proposta da série enquanto releitura não é transpor a literatura para as telas como ela é, mas recriá-las exclusivamente no formato audiovisual e seriado, para um novo público, com novas abordagens e com a literatura perceptível em suas narrativas, mesmo que modificadas.

Ao apresentar um Holmes em processo de recuperação, uma parceira e um chefe de polícia diferente dos acostumados nas adaptações, *Elementar*, com seus novos personagens e suas narrativas típicas de seriado policial estadunidense conseguiram quebrar as percepções antecipadas do público em relação a adaptação não ser uma boa representação do detetive, mostrando que mesmo com modificações em personagens importantes e em histórias populares, era possível colocá-los em situações diferentes e, mesmo assim, manter a qualidade dos contos britânicos.

O seriado de Doherty trouxe dinâmica entre os personagens e casos difíceis para Holmes, onde ele podia ser o que Sir Arthur havia criado: um detetive excepcional que conseguia se destacar entre qualquer um, mesmo em meio a policiais e especialistas. Sherlock não recorre tanto à tecnologia como sua versão britânica – de

Benedict Cumberbatch –, ele utiliza seus conhecimentos e sua habilidade de dedução em casos que podem fazer o público se identificar. A aposta do seriado em uma série policial com problemas próximos da realidade do século XXI, e que parecem ser construídas em lógicas possíveis e não como um superpoder ou lógica apenas de TV (impressão passada por Sherlock da BBC), fazem com que o detetive se destaque ainda mais, com as mudanças sendo aceitas e funcionando de forma a agradar ao público.

A série *Elementar* é uma das centenas de adaptações de Holmes desde a criação do personagem em 1887, e mesmo com tantas versões para cinema e TV (não sendo as únicas), histórias com a dupla de detetives são ainda apreciadas, procuradas e consumidas. O contexto de fidelidade depois de tantos projetos não sofre muita pressão por diferir, quando mantém a qualidade (o que no caso de *Elementar*, após o lançamento da série e a recepção do público, pôde ser provado), sofrendo ataques quando não se torna uma boa representação da obra. Sobre isso, Stam (2006, p. 20) assevera que “muitas adaptações baseadas em romances importantes são medíocres ou mal orientadas”, o que levam as adaptações a serem malvistas.

Quando a adaptação apresenta qualidade por funcionar como uma extensão com histórias inéditas, ou apresenta as histórias clássicas com inovação com a essência sendo mantida, há reconhecimento pelo público.

Segundo Hutcheon, o que atrai o público em uma adaptação é sua mistura de repetição e novidade, o prazer de se descobrir a intertextualidade entre as obras e as relações que elas mantêm. Caso o espectador não tenha conhecimento do texto fonte, apreciará a adaptação como se fosse qualquer outra obra original. O público também pode ser atraído para uma adaptação se ela for de uma história que eles já conhecem e apreciam, ocorrendo, então, a possibilidade de uma expansão ou variação dessa história (HUTCHEON, 2006 *apud* GONÇALVES DA SILVA, 2012, p. 196).

Como afirma Hutcheon (2006), a repetição de adaptações quando inserida de novidade atrai o público, fazendo, assim, com que histórias populares adaptadas há um século estejam sempre oferecendo novas possibilidades e temáticas. Como acontece com o próprio Sherlock, que na última década ofereceu filmes e variadas séries com enredos novos, utilizando os personagens em aventuras não exploradas, além de recriar os casos clássicos do detetive, mas de maneiras até então não vistas.

Mesmo com a possibilidade de atração com as novidades da adaptação proposta, é válido ressaltar que a recepção do público ainda pode não ser favorável, embora tenha chances de sucesso, pois assim como *Elementar* sofreu ataques em seu início, outras obras podem enfrentar a mesma situação, com a obra necessitando de aprovação pela qualidade de suas narrativas, havendo um esforço maior para se destacar quando lida com personagens populares.

Acerca das modificações feitas em adaptações para atrair o público, como citado por Hutcheon (2006), a série do detetive ter modificado personagens canônicos foi uma atitude ousada, mas que funcionou dentro da proposta da série, principalmente por divergir tanto, trazendo surpresas e reviravoltas capazes de surpreender até o fã mais fiel do detetive. A grande quantidade de adaptações que são lançadas anualmente reforça a possibilidade de recriar, fazendo com que o público aceite com mais facilidade novas perspectivas, o que dificilmente aconteceria com alguma obra que não dispõe de uma quantidade significativa de adaptações.

A existência de tantas adaptações anteriores alivia a pressão pela “fidelidade”, ao mesmo tempo em que estimula a necessidade de inovação. Às vezes o adaptador inova para fazer com que a adaptação fique mais “sincronizada” com os discursos contemporâneos (STAM, 2006, p. 43, grifo no original).

Em *Elementar*, a inovação faz parte de suas narrativas desde o piloto do seriado, quando apresentaram um Holmes tatuado e viciado, e Watson como uma mulher de origem asiática, inovação essa que serviu de exemplo por ter dado certo. Após apresentar Joan como uma mulher asiática, surgiu o seriado japonês, Miss Sherlock, que conta não só com uma asiática como parceira, mas o próprio Holmes como uma detetive em Tóquio.

No seriado americano a inovação acerca de Watson não só funcionou por trazer essa mudança, como por tornar a parceira de Holmes essencial na vida dele, não apenas como alguém que aprecia a sua companhia e trabalho, mas como alguém que compreende e se aproxima de ser como ele ao longo da série, embora seja perceptível as diferenças entre ela e Sherlock, ao mesmo tempo em que ela também serve como ponte para entender o complexo detetive.

## O formato de séries americanas e os contos de Doyle

O formato de exibição de séries americanas na televisão costuma ter um padrão de treze episódios por temporada ou vinte e dois episódios, que vão ao ar semanalmente, funcionando com a ideia dos periódicos dos folhetins, como citado por Martins (2015, p. 22). *Elementar*, a série da CBS, foi um pouco além da média, tendo vinte e quatro episódios em quase todas as temporadas (a sexta temporada teve vinte e um, e a sétima treze episódios) que foram lançados durante um período de sete anos.

Quando *Elementar* foi finalizada em 2019, contabilizavam uma marca de cento e cinquenta e quatro episódios, sendo o seriado mais extenso do detetive, mas, apesar disso, não adapta todas as histórias do Sherlock de Doyle. Alguns episódios do seriado são baseados nos contos e romances de Sir Arthur, mas a maioria são episódios criados especialmente para a TV, caracterizando-se como programa policial americano, ainda que repleto de *easter eggs* das histórias originais.

Em adaptações não é incomum haver uma história totalmente nova, onde o personagem é inserido em aventuras até então não enfrentadas, como aconteceu com o Sherlock de Robert Downey Jr., dirigido por Guy Ritchie, onde o detetive desvenda os casos de magia negra de lorde Blackwood, embora Doyle nunca tenha dado a menor menção ao personagem ou a essa narrativa em seus contos e romances.

No seriado *Elementar* a criação de cenários novos para Holmes enfrentar é comum, aproveitando o espaço construído pelo programa que é maior do que a quantidade de criações de Sir Arthur para Sherlock. Mesmo tendo muito tempo em tela e dezenas de histórias únicas no seriado, não se adaptou muitas narrativas do detetive de Doyle, conservando apenas a ideia de alguns contos, reformulando todo o cenário e até mesmo recriando a ideia central de histórias já conhecidas, embora traga os personagens dos livros canônicos e faça menção a casos importantes e populares, alguns por opção do diretor, outros para evitar o plágio de adaptações já existentes.

Segundo Brasil (1967) a prática de retirar apenas pequenos trechos, sendo eles os mais interessantes, e levar a obra adaptada para apreciação do espectador é comum, como acontece em *Elementar*:

Assis Brasil continua dizendo que o enredo, que em uma adaptação normalmente será igual ao do livro, pode passar por diversas modificações, como a de episódios. As partes de maior interesse da obra literária são

selecionadas para o roteiro, visando à apreciação imediata do espectador (BRASIL, 1967 *apud* GONÇALVES DA SILVA, 2012, p. 186).

Como citado anteriormente por Hutcheon (2006), a repetição inserida de novidades e a oportunidade de perceber a intertextualidade entre as obras é satisfatória e prazerosa para o telespectador, o que pode ser reforçado com a afirmação acima, dos pequenos textos inseridos no roteiro para apreciação do público. Como já mencionado antes, no âmbito das narrativas originais de *Elementar*, há essa inserção que é convidativa ao leitor das obras de Sir Arthur para perceber a obra de Doyle numa nova criação de seu personagem.

Nas obras do escritor escocês, Sherlock diz que de todos os policiais da *Scotland Yard*, Gregson é o mais competente e inteligente. O seriado do detetive tornou essa fala de Holmes em uma verdade centro do programa, pois Gregson não é apenas competente, como é chefe de um departamento de polícia em uma das principais cidades do mundo, onde se passa quase todas as narrativas da série. A incapacidade dita por Holmes dos oficiais da lei, nos contos, se levadas à atualidade, seria certamente questionada por estarem à frente das principais agências policiais do planeta. Essa mudança, feita em *Elementar*, também serve para diferenciá-la da narrativa britânica, que já trazia Lestrade como principal inspetor.

O seriado usou a pequena fala de Holmes originalmente para redirecionar o centro das histórias. Outras mudanças no seriado referente a contos e *easter eggs* são muito marcantes. O episódio vinte da primeira temporada do seriado é um exemplo de conto recriado, sendo baseado em *A aventura de Charles Augustus Milverton* (DOYLE, 2017c), que narra a história de um chantageador que comprava informações de empregados com chefes ricos, usando-as para conseguir dinheiro dessas pessoas. *Elementar* trouxe a ideia do conto para o seriado, mas apenas a ideia de Milverton ser um chantagista, porque a narrativa passou a ser sobre ele chantagear vítimas de estupros, ameaçando tornar público os vídeos dos crimes filmados pelos seus estupradores.

Acerca dos *easter eggs* na série, que são importantíssimos, um deles acontece no último episódio da sexta temporada. Holmes, que proibido de entrar nos Estados Unidos voltou a morar na *Baker Street*, 221B, na Inglaterra, tem uma conversa em seu apartamento com Lorde St. Simon que quer contratar o seu serviço de detetive para encontrar sua esposa que sumiu após o casamento, apesar da curta cena ser sobre

o homem relatando e Holmes incomodado com sua narrativa, é uma importante menção as histórias de Doyle, baseada no conto *O nobre solteiro* (DOYLE, 2017a).

A série *Elementar* recria as histórias de Sir Arthur, adaptando-as aos problemas atuais, seja dando mais atenção a narrativa, fazendo recriações como a adaptação do conto *O cliente ilustre* (2017), que apresenta Kitty Winter, enriquecendo sua história que se tornou uma das principais personagens da terceira temporada, ou fazendo apenas referências como Lady Francis, que é uma mulher e um conto de Doyle, e em *Elementar* se torna um item de colecionador valioso.

As mudanças feitas pelo seriado *Elementar*, seja como marca da direção para lhe dar uma identidade própria, seja pela dificuldade de adaptar um conto do século XIX em pleno século XXI, funcionaram. O seriado americano é a maior adaptação feita do personagem, com narrativas atuais, problematização de temas contemporâneos e importantes na sociedade. O programa de TV de Holmes não perde sua originalidade enquanto releitura tão marcante por ousar, ao mesmo tempo que apresenta o famoso quadro de casos policiais americanos com o maior detetive de todos os tempos da literatura.

### **Considerações finais**

A relação texto e tela começou com o surgimento do cinema, mesmo que ele não fizesse uso da palavra inicialmente, pois era mudo, o que não impediu a literatura de continuar seu processo de intercâmbio entre artes. Sherlock Holmes, um dos personagens literários em ascensão no período, ganhou seu espaço ainda em 1900, fazendo o público conhecer pela primeira vez sua transposição visual.

Como personagem importante da literatura e, conseqüentemente, do meio audiovisual, as histórias do detetive britânico se tornaram popularmente conhecidas no mundo inteiro, fazendo com que releituras e recriações de Sherlock se tornassem ainda mais comuns e tendo uma liberdade criativa cada vez maior por parte dos diretores. Com as mudanças acontecendo nas narrativas de Holmes por diversos motivos, seja pela dificuldade de levar as histórias às telas ou por interesse narrativo, onde a direção traz sua própria marca para um novo público e com novas abordagens.

*Elementar*, a série americana do diretor Robert Doherty, traz uma releitura dos contos do detetive Sherlock Holmes para o século XXI, nos Estados Unidos, em um novo formato e com novas perspectivas, com a marca da direção apresentando possibilidades até então não abordadas pelas versões audiovisuais anteriores sobre



o detetive. Com o seriado exposto aos telespectadores tão críticos de obras adaptadas, sendo possível compreender através dela qual é o limite de modificações aceitos pelos fãs literários do personagem e pelos críticos.

Julgada pelo contexto de fidelidade apenas por anunciar que traria Holmes como um viciado e John Watson adaptado como uma mulher, a série *Elementar* foi acusada de desrespeitar a literatura de Conan Doyle antes mesmo de chegar às telas, mas ao ser exibida, o público e a crítica consentiram que as recriações das histórias do personagem mantinham sua qualidade original, mesmo que atual.

Mesmo com as críticas iniciais, *Elementar* se mostrou um exemplo de transposição literária que valoriza o texto-fonte, fazendo com que sejam percebidos e contados, ao referenciar personagens, contos de Conan Doyle e ao colocar o protagonista em situações semelhantes das originais, mesmo que em sua maioria sejam totalmente reconstruídos, tornando-se uma das principais adaptações de Sherlock Holmes com narrativas próprias e a essência do detetive de Conan Doyle.

## Referências

CARELLI, Fabiana (Org.) *Texto e tela* [recursos eletrônicos]: ensaios sobre literatura e cinema. São Paulo: FFLCH/USP, 2014. ISBN-13 (15) 978-85-7506-241-8. DOI: <https://doi.org/10.11606/9788575062418>. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/185>>. Acesso em: 14 de jul. de 2020.

ROBERTS, Sheila. Comic-Con: os produtores executivos Robert Doherty e Carl Beverly falam sobre a nova série da CBS *Elementar*, comparações com Sherlock e muito mais. *COLLIDER*, 17 de jul. de 2012. Disponível em: <<https://collider.com/robert-doherty-carl-beverly-elementary-interview/>>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

CURADO, Maria Eugênia. *Literatura e cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação?* *Temporis* [ação], Goiás, v. 1, no 9, Jan/dez. 2007. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/5990>>. Acesso em: 14 de jul. de 2020.

DOYLE, Arthur Conan. *Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2017a.

\_\_\_\_\_. *Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2017b.

\_\_\_\_\_. *Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2017c.

\_\_\_\_\_. *Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2017d.

*Elementar* [seriado]. Direção: Robert Doherty. Produção: Alysse Bezahler. Produtora: Columbia Broadcasting System (CBS), 2012 - 2019. (43 min.), son., color.

GONÇALVES DA SILVA, T. M. *Reflexões sobre adaptação cinematográfica de uma obra literária*. *Anuário de Literatura*. [S. l.], v. 17, n. 2, p. 181-201, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2012v17n2p181>. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2012v17n2p181>>. Acesso em: 14 de jul. de 2020.

UOL. Holmes e Watson estão de volta. Criador da série explica todos os detalhes. Band TV, UOL. Disponível em: <https://series.band.uol.com.br/holmes-e-watson-estao-de-volta-criador-da-serie-explica-todos-os-detalhes/>>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

MARTINS, Ricardo André Ferreira (Org.). *Literatura e Cinema: interartes, intersemiose, intermedialidade e transmedialidade*. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

STAM, Robert. *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*. Ilha do Desterro, Florianópolis, n° 51, p. 19 – 53, jul./dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2006n51p19>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19>>. Acesso em: 23 de dez. de 2019.

TEIXEIRA, A. Z.; BIRELLO, V. B. *A adaptação enquanto arte autônoma*. *Revista Fronteira Z*, n° 10 – jun. de 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/14527>>. Acesso em: 23 de dez. de 2019.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Título original: How fiction works. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: SESI – SP Editora. 232 p, 2017.